

RELAÇÃO DE PROPOSTAS PARA RODAS DE CONVERSA

◆ RODA 1

AÇÕES DE EXTENSÃO E CULTURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Ana Paula TREVISANI (UNESPAR-Apucarana)
Ana Carolina Moreira SALATINI (UNESPAR-Apucarana)

Esta Roda de Conversa tem como objetivo central reunir e entrelaçar experiências extensionistas desenvolvidas ou em desenvolvimento no campo educacional da formação de futuros professores de línguas estrangeiras. Diante dos desafios que emergem das demandas da curricularização da extensão, a Resolução CNE/CES nº 7/2018 estabeleceu as diretrizes para a extensão brasileira, definindo como bases: a) presença de três atores: discentes, docentes e sociedade (aqui entendidos os diversos atores sociais potencialmente implicados); b) protagonismo acadêmico nas atividades/projetos; c) clareza de objetivos de aprendizagem; d) sistematização do processo avaliativo. Desse modo, nos mais diferentes contextos do Ensino Superior no Brasil, passam a ser consideradas ações de extensão, as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante (conexas ao perfil profissiográfico e às demandas locorregionais), independentemente da modalidade escolhida (programas, projetos, cursos, eventos/oficinas, prestação de serviços), desde que atendidos os fundamentos elencados (THIOLLENT; IMPERATORE; SANTOS, 2022, p. 30). Além das bases oferecidas pela legislação, o Fórum Nacional do Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX) vem propor fundamentos de ordem teórica que perfazem o plano de fundo do trabalho extensionista, estabelecendo cinco princípios norteadores ao desenvolvimento da Extensão Universitária, quais sejam: a) interação dialógica entre universidade e sociedade; b) interdisciplinaridade e interprofissionalidade; c) indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; d) impacto na formação do acadêmico; e) impacto na transformação social (FORPROEX, 2012). Assim, esperamos que conversas motivadas pelas experiências trazidas para esta Roda possam elucidar o que vem sendo compreendido como extensão por futuros professores de línguas estrangeiras, bem como os percalços e sucessos enfrentados pelos atores das ações. Experiências estas que, uma vez compartilhadas num mesmo espaço e tempo, podem nos levar a refletir: (se muda) o que muda na formação do professor de línguas desta nova perspectiva e formato do agir extensionista? O que traz de (im)possibilidades?

Palavras-chave: Extensão universitária, Formação de professores, Língua estrangeira, políticas, Relatos de experiência.

◆ RODA 2**ENSINO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE: DESAFIOS, PRÁTICAS E PROPOSTAS**

Michele Salles El KADRI (UEL)
Vivian Bergatini SAVIOLLI (UEL)
Atef EL KADRI (UEL)

O setor educacional brasileiro tem presenciado, nos últimos 15 anos, um crescimento exponencial de escolas particulares e algumas iniciativas públicas que levantam a bandeira do bilinguismo. No entanto, esse aumento significativo de escolas que se autodenominam bilíngues (academicamente chamadas de escolas bilíngues de línguas de prestígio) e a aprovação pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue, recolocou em foco a questão da Educação Bilíngue e de uma série de problemáticas acerca da regulamentação, definições de modelos, metodologias e abordagens, avaliação e formação de professores para tal contexto. Apesar das pertinentes críticas a respeito das novas normativas, o documento é, sem dúvidas, um grande marco para a Educação Bilíngue no país por colocar o tema em discussão e traz inúmeros desafios tanto para as instituições da educação básica que já trabalham com o ensino bilíngue como para a formação inicial e continuada de professores. Assim, é sabido que a formação de professores para este contexto até então tem ficado a cargo das instituições denominadas bilíngues ou ainda de interesses individuais dos professores. Contudo, movimentos recentes em cursos de licenciatura tem se atentado para essa questão e proposto currículo para a formação desses profissionais. Desse modo, o Objetivo desta roda de conversa é discutir não somente os desafios mas também as boas práticas e iniciativas para a Educação bilíngue e da formação de professores para este contexto. O público alvo são alunos de licenciaturas e professores em serviço que tenham interesse e que atuem ou pesquisem em contexto bilíngue. Nesta roda de conversa, portanto, gostaríamos de discutir temas pertinentes para o ensino e a formação de professores para o contexto bilíngue em diversos contextos (público e privado) e com diversas línguas como meio de instrução, com foco nos desafios, práticas e saberes para este contexto. Temos priorizado referenciais decoloniais para olhar para o Ensino bilíngue, mas propostas embasadas em diferentes perspectivas teóricas serão bem vindas.

Palavras-chave: Educação bilíngue, ensino, formação de professores.

◆ **RODA 3****ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LETRAS INGLÊS: NARRATIVAS E REFLEXÕES
DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL**

Raquel Silvano ALMEIDA (UNESPAR-Apucarana)
Leila De Almeida BARROS (UNESPAR-Apucarana)

O papel do estágio por professores em formação inicial é fomentar a prática de ensino por meio da intervenção escolar, a fim de possibilitar-lhes uma aprendizagem e aquisição de conhecimentos sobre a atividade docente. O exercício da reflexão na aprendizagem da docência desenvolve-se a partir de análises daquilo que previamente se sabe sobre o ensinar, daquilo que se vivencia na prática de ensinar e de como e do porquê esses conhecimentos se (trans)formam durante todo o período da aprendizagem (NÓVOA, 1997; MARCELO GARCÍA, 1997). A reflexão crítica procede de modo cíclico por meio da descrição, informação, confrontação e reconstrução da(s) experiência(s) de ensino vivenciada(s) (LIBERALI, 2004). Nesse processo, a reflexão sobre a prática de ensino é considerada um instrumento de aprendizagem da docência, uma vez que promove um (re)pensar, um (re)examinar e um (re)educar dos futuros professores acerca de suas crenças, atitudes, metodologias e conhecimentos, possibilitando-lhes (trans)formações dos mesmos. Nesta roda de conversa, buscamos abarcar narrativas reflexivas dos acadêmicos-estagiários, licenciandos do curso de graduação em Letras, da Unespar, campus de Apucarana, as quais deverão contemplar os seguintes aspectos: 1) reflexões sobre suas observações e participações em aulas na educação básica; 2) reflexões sobre suas regências de sala de aula na educação básica, e 3) reflexões finais sobre sua aprendizagem docente por meio do cumprimento do estágio. As disciplinas de Estágio compõem a matriz curricular da licenciatura em Letras Inglês (2019), que compreendem o Estágio de Gestão Escolar, Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II e Estágio Supervisionado no Ensino Médio. Sendo assim, esperamos que as reflexões críticas, a serem trazidas pelos licenciandos, possam promover uma troca de conhecimentos acerca da docência de língua inglesa na educação básica entre futuros professores e professores formadores. Ademais, nortearmos a dinâmica desta atividade com base nos pressupostos crítico-reflexivos na formação de professores.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, Língua inglesa, Formação de professores.

◆ RODA 4

FORMAÇÃO DOCENTE PARA EDUCAÇÃO BILÍNGUE E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA
EM LÍNGUAS ADICIONAIS COM CRIANÇAS: ROADS TO BE TAKEN!

Juliana Reichert Assunção TONELLI (UEL)

Cibele KRAUSE-LEMKE (UNICENTRO)

Gabrieli MAGIOLO (PG- UEL)

Lucas Mateus Giacometti de FREITAS (PG- UEL)

O crescente aumento de pesquisas sobre educação bilíngue e educação linguística em línguas adicionais (LA) com crianças tem propiciado diversos caminhos no contexto brasileiro visto que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2018 como documento regente da educação em nosso país, perpetua a não regularização da inserção de LA nas etapas anteriores ao 6º ano, indo na contramão ao processo já efetivado em muitas escolas privadas e públicas de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental (TONELLI, ÁVILA, 2020). No caso do setor público, cada município implementa a LA de forma independente e seguindo parâmetros próprios. Este processo tornou-se foco de estudos de pesquisadores da área bem como a problemática da formação de profissionais para atuar em tais contextos (BROSSI; FURIO; TONELLI, 2018, 2020; MAGIOLO, TONELLI, 2019; MALTA, 2019). Nesta seara, o grupo de pesquisa FELICE (Capes-CNPq/UEL) tem buscado auxiliar professores da área com estudos, cursos de formação e publicações de artigos. Um exemplo é o projeto MOLIC (Mapeamento da Oferta de Língua Inglesa para Crianças) – apoiado pelo British Council – que analisou a oferta de ensino de inglês nas redes municipais em quatro estados e, ainda, apresentou um documento-base para a elaboração de diretrizes curriculares nacionais para a língua inglesa nos anos iniciais do ensino fundamental com o intuito apontar possíveis encaminhamentos para a implementação da LA. Em âmbito paralelo, o Parecer 02/2020, respondendo à pressão da sociedade pela regulamentação de escolas bilíngues de línguas prestígio, provoca uma avalanche de iniciativas para maior proliferação de escolas nesta modalidade apesar de apresentar várias incongruências. Em ambos os casos – educação bilíngue e ensino da língua – várias são as consequências testemunhadas em nossa sociedade: discussões sobre educação docente para atuar nestes contextos, os (des)entendimentos dos contornos de tais modalidades de ensino, os equívocos presentes nos modos de ensino, dentre outras. Sendo assim, propomos esta roda de conversa com o objetivo de congregar docentes que atuam ou desejam atuar nos contextos referidos, bem como formadores de professores e interessados nestas discussões para diálogos acerca de práticas, soluções destes processos assim como expor procedimentos que já estão em andamento. Definimos, deste modo, professores formadores, professores-em-formação e pesquisadores da área como o público-alvo deste evento.

Palavras-chave: Educação Bilíngue, Educação linguística em línguas adicionais com crianças, Formação docente.

◆ RODA 5

ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Wagner Vonder BELINATO (UEM)

Ana Paula GUEDES (UEM)

Beatriz Moreira ANSELMO (UEM)

Aline Hitomi SUMIYA (UEM)

Diante da importância das línguas estrangeiras nas interações sociais e culturais no cenário contemporâneo (SCHIFFLER, 1991), este espaço busca discutir estratégias para o ensino de línguas estrangeiras tendo em mente procedimentos didáticos capazes de promover o aprofundamento dos indivíduos em ambientes culturais, linguísticos e linguageiros, movidos seja pela curiosidade pessoal, seja pela necessidade de diferenciação no mundo do trabalho ou pelo desenvolvimento de novas competências para a aprendizagem em suas áreas de atuação acadêmica. Subsidiados pelos estudos de Besse e Porquier (1991), Rouxel (1996), de Carlo (1998), Albert e Souchon (2000), Magiante e Parpette (2004), Puren (2008), Cuq e Gruca (2014), Carras, Tolas, Kohler e Szilagy (2007), Beacco (2007) e Riquois (2019), buscamos criar um ambiente de discussões em que se possam compartilhar estratégias de ensino que estimulem e incentivem os aprendizes a empenhar-se no processo de aprendizagem, desenvolvendo autonomia em relação aos conteúdos e suplantando eventuais dificuldades enfrentadas pelos diversos contextos de ensino. Serão aceitas comunicações abrangentes do ensino da língua e da literatura estrangeiras e que exemplifiquem momentos de intervenção e interação didática em que o grupo alvo desenvolva habilidades de comunicação básicas de acordo com Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001), tais como as de recepção e produção oral e ou textual, bem como as de interação. A troca de experiências didáticas visa o amadurecimento profissional e cria espaços para o processo de avaliação e reavaliação do perfil professoral e estudantil. Esse processo constante de reflexão sobre as propostas didáticas é fator principal para a criação de grupos de pesquisadores preocupados com as constantes exigências do mercado de trabalho que envolve o ensino de línguas adicionais, o que contribui diretamente para a formação continuada dos professores de idiomas e literatura e cultura correspondentes, fator essencial para a didática das línguas estrangeiras (MARTINEZ, 2009).

Palavras-chave: Formação Docente, Línguas Estrangeiras, Estratégias de Ensino.

◆ RODA 6

ENSINO DE SINTAXE E SEMÂNTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DIÁLOGOS ENTRE
ESCOLA E UNIVERSIDADE

Thayse Letícia FERREIRA (UNESPAR-Apucarana)

Valdilena RAMMÉ (UNILA)

Nos documentos oficiais que regulamentam o ensino de língua portuguesa no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), é possível observar que a construção de sentidos, como forma “de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BRASIL, 2017, p. 65) é um ponto central na formação dos estudantes, bem como a construção de textos a partir de elementos morfossintáticos adequados à situação linguística. Apesar de os documentos apresentarem uma preocupação com o ensino de elementos linguísticos formais, cognitivos e discursivos, de modo interligado, a partir do texto, sabe-se que a realidade escolar acaba, muitas vezes, não comportando esse diálogo. Além disso, há muito se destaca na literatura o fato de haver um descompasso entre o conhecimento linguístico sendo produzido na academia e aquele mobilizado no ensino básico (GERALDI, 1984; LOBATO, 2015; TESCARI NETO; SOUZA DE PAULA, 2021). Visando, então, a construção de mais uma ponte entre o conhecimento teórico atual e a formação continuada do professor de língua portuguesa (LP), tendo em vista os critérios oficiais que norteiam o ensino de LP, neste simpósio buscamos agregar trabalhos que tratem do ensino de análise linguística voltada às áreas da sintaxe e da semântica. Espera-se, sobretudo, promover um diálogo entre teoria e prática linguística, que englobe, por exemplo, a discussão sobre categorias universais sintático-semânticas (CINQUE, 1999; VON FINTEL; MATTEWSON, 2008), constituência sintática, ambiguidade estrutural, polissemia, predicação verbal e nominal, acionalidade verbal, teoria temática, entre outros fenômenos já bem documentados em linguística, mas pouco trabalhados em sala de aula, tanto no nível da análise gramatical, quanto no nível da produção textual. São bem-vindos trabalhos de linha formal, cognitiva e textual-discursiva, que versem a respeito de práticas metodológicas em sintaxe e semântica para o ensino de LP, ou, ainda, trabalhos que investiguem e discutam o tratamento dado a essas áreas nos documentos reguladores oficiais. Por fim, este simpósio gostaria de reunir profissionais de ensino básico e superior, visando, justamente, a promoção de um diálogo mais forte entre escola e universidade.

Palavras-chave: Formação Docente; Ensino de Língua Portuguesa, Ensino de Sintaxe, Ensino de Semântica, Teoria e Análise Linguística.

◆ RODA 7

PRÁTICAS DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NAS LICENCIATURAS
EM MATEMÁTICA: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES

Paulo Henrique RODRIGUES (UNESPAR – Apucarana)

Gabriel Vasques BONATO (UNESPAR – Apucarana)

Nessa roda de conversa buscaremos problematizar aspectos relacionados a práticas de Estágio Curricular Supervisionado na Licenciatura em Matemática. O momento do Estágio Curricular Supervisionado para o futuro professor de Matemática representa um aspecto determinante de sua formação, uma vez que se configura, em muitos casos, como um primeiro contato com seu posterior campo profissional. É comum que muitos futuros professores tenham sua primeira experiência profissional na escola no momento do Estágio Curricular Supervisionado. De maneira geral, o futuro professor de Matemática realiza o Estágio de Observação/Co-participação, inicialmente. Em seguida, realiza o planejamento do Estágio de Regência e o desenvolve na sequência. Por fim, escreve um relatório final, em que relata as experiências desenvolvidas e reflete a seu respeito. Em via de regra, os relatórios de Estágio Curricular Supervisionado não costumam ser divulgados após serem escritos. Essa característica traz implicações significativas quanto ao diálogo sobre as experiências desenvolvidas pelos futuros professores de Matemática. Nessa direção, fazem-se necessárias discussões a respeito das diferentes experiências desenvolvidas no campo do Estágio Curricular Supervisionado, principalmente no que diz respeito a: proposição de atividades, reflexões sobre o que realizariam de diferente se tivessem a mesma oportunidade, sentimentos, emoções envolvidas nesse processo; erros conceituais; relação com os alunos, dentre outros. O público alvo da proposição dessa roda de conversa se direciona para alunos e professores do curso de Licenciatura em Matemática, bem como para egressos. A proposta é realizarmos uma fala inicial, explicitando nossos objetivos e focos de trabalho. Em seguida, a ideia é que os participantes exponham suas respectivas experiências e reflexões a respeito do Estágio Curricular Supervisionado. Pretende-se que esse seja um momento de articulação entre essas diferentes experiências, de maneira que os participantes tenham a oportunidade de refletirem a respeito de suas próprias trajetórias.

Palavras-chave: Educação Matemática, Estágio Curricular Supervisionado, Formação de professores de Matemática.

◆ RODA 8

REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS ACERCA DA FORMAÇÃO DOCENTE DO
PROFESSOR DA ÁREA DE EXATAS

Andre Gustavo Oliveira da SILVA (UNESPAR-Apucarana)

Fabio Luis BACCARIN (UNESPAR-Apucarana)

Enio De Lorena STANZANI (UTFPR- Apucarana)

Esta roda de conversa propõe reflexões acerca da formação inicial e continuada do professor das licenciaturas na área de exatas por meio de ações que oportunizem uma formação que transcenda a competência técnica. Discutiremos sobre os saberes, especialmente o experiencial, enquanto constructo social e abriremos espaço para relato de experiências vivenciadas no estágio obrigatório, no PIBID e Residência Pedagógica. A formação inicial deve propiciar situações que levem o futuro professor a refletir, a fundamentar suas ações, a valorizar a necessidade de constante atualização em vista das mudanças, a criar estratégias e métodos de intervenção, cooperação, análise, reflexão; a construir um estilo rigoroso e investigativo”. Os cursos de licenciatura, segundo Gatti (2009), podem contribuir para o desenvolvimento da profissionalidade tanto na sua formação inicial quanto nas suas experiências docentes, viabilizando uma integração de modos de agir e pensar; implicando num saber que inclui a mobilização de conhecimentos e métodos de trabalho, como também a mobilização de intenções, valores individuais e grupais, da cultura da escola que inclui confrontar ideias, crenças, práticas, no contexto do agir cotidiano. Tanto o PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e RP – Residência Pedagógica - possibilitam aos bolsistas uma aproximação com a prática docente e a vivência da dinâmica escolar contribuindo para a formação do licenciando em matemática ao constituir-se um ambiente de aprendizagem a partir de experiências vividas na prática, ou seja, tornando-o protagonista no processo de formação inicial, despontando como caminhos para potencializar a formação inicial do licenciando ao inserir o bolsista no ambiente escolar, num momento adequado à sua constituição enquanto professor. Os saberes experienciais são específicos do exercício da docência e da prática da profissão, pois são produzidos na concretude do trabalho docente. Segundo Tardif (2020, p.39), “esses saberes brotam da experiência e são por ela validados” e são saberes incorporados à experiência individual ou coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser que são desenvolvidos no exercício das funções e práticas dos professores.

Palavras-chave: Formação Docente, Saberes Docentes, Educação Matemática, RP e PIBID

◆ RODA 9

TENDÊNCIAS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Érika Janine Maia AFONSO (UNESPAR-Apucarana)
Letícia Barcaro Celeste OMODEI(UNESPAR-Apucarana)

O ensino da matemática por meio das Tendências em Educação Matemática permite um trabalho em sala de aula que é considerado como interdisciplinar, contextual e articulado entre os diversos conhecimentos da própria Matemática e, além disso, entre os conhecimentos e saberes das demais disciplinas (PARANÁ, 2018). Dentre essas tendências metodológicas podemos destacar a resolução de problemas, a modelagem matemática, a etnomatemática, a história da matemática, a investigação matemática, as mídias tecnológicas, o ensino exploratório, a matemática realística, entre outras. Consideramos que ao fazer uso dessas diversas tendências para o ensino de Matemática o professor estará contribuindo para o desenvolvimento da autonomia do aluno e o colocando como centro do processo de ensino aprendizagem. Além disso, acreditamos que para desenvolver o conhecimento matemático do aluno é preciso que o professor faça uso dessas tendências metodológicas associadas a diferentes estratégias e recursos didáticos de acordo com o que ele considera ideal para o ano escolar no qual está trabalhando. Diante disso, acreditamos que o Congresso de Licenciaturas (COLI) se constitui como uma excelente oportunidade para ampliar os debates relacionados as tendências em Educação Matemática a fim de contribuir com a formação inicial e continuada dos profissionais que ensinam/pesquisam matemática tanto na Educação Básica como no Ensino Superior. Sendo assim, a nossa roda de conversa é destinada a toda comunidade interessada em discutir sobre as tendências em Educação Matemática, de modo a oportunizar aos acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática, professores da Educação Básica e do Ensino Superior, pesquisadores e educadores de modo geral que apresentem suas pesquisas e relatos de experiências acerca da Educação Matemática. O nosso objetivo é socializar com os participantes da 4ª edição do Congresso de Licenciaturas (COLI) as ideias, fundamentos teóricos e pesquisas realizadas e em andamento que abordam as discussões teóricas e práticas sobre ensino e pesquisa relacionadas as tendências em Educação Matemática.

Palavras-chave: Metodologia, Abordagem de ensino, Educação Matemática, Tendências.

◆ RODA 10

DIALOGISMO, DISCURSO E/OU ENSINO

Pedro Augusto Pereira BRITO (PG- UEM)

Adriana Delmira POLATO (UNESPAR-Campo Mourão)

A roda de conversas Dialogismo, discurso e/ou ensino constitui-se cronotopo de discussões a respeito de propostas de pesquisa e práticas oriundas de quaisquer esferas de conhecimento voltadas à compreensão de seus objetos de reflexão à luz da orientação teórico-metodológica da perspectiva sociológica e dialógico-enunciativa-discursiva de linguagem pronunciada por Bakhtin e o Círculo. As análises e reflexões sob o matiz dialógico se ancoram na relação indissolúvel entre língua, linguagens, história, sujeitos e ideologia e instauram os estudos da linguagem como lugar de produção responsável e ética de conhecimentos (BRAIT, 2008) subsidiários da emancipação humana. Desse modo, a roda de conversas acolhe discussões vinculadas à perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, reflexões interdisciplinares que interseccionam a teoria dialógica do Círculo e outras, com vistas a compreender como enunciados vinculados a diferentes esferas da atividade humana tematizam discursivamente relações sociais possíveis, sob um plano sociovalorativo e ideológico. Do mesmo modo, incluem-se as discussões em torno de propostas de ensino de línguas que, inicialmente, incorporaram as discussões bakhtinianas e do Círculo no cenário brasileiro e trouxeram inúmeras contribuições para as orientações e práticas de ensino de línguas no país. De modo específico, no plano das discussões vinculadas ao ensino, estas podem se desdobrar em reflexões sobre eixos de ensino consolidados na Linguística Aplicada do Brasil, como a leitura, a oralidade, a escrita e os processos de revisão e de reescrita de textos concretizados em gêneros mobilizadores discursivos, assim como a prática de análise linguística/semiótica, bem como discussões problematizadoras das orientações sobre o ensino de língua concretizadas nos documentos orientadores do ensino de línguas no país. Dialogismo, discurso e/ou ensino tem como público-alvo os professores de línguas em formação inicial ou continuada, estudantes de iniciação científica, pós-graduandos e pesquisadores em geral.

Palavras-chave: Dialogismo, Discurso, Ensino

◆ RODA 11

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO: TEORIA E PRÁTICA EM DEBATE

Luciana Ferreira LEAL(UNESPAR-Paranavaí)
Ana Paula F. de MENDONÇA (UNESPAR-Apucarana)

A roda de conversa “Língua, Literatura e Ensino: teoria e prática em debate” tem por objetivo reunir trabalhos acadêmicos que versem sobre estudos teóricos e práticos envolvendo a língua e a literatura. O ensino de Língua Portuguesa encontra-se geralmente organizado em torno de quatro grandes eixos de ensino: leitura de textos, produção de textos, oralidade e conhecimentos linguísticos. Tais eixos são normalmente trabalhados de forma inter-relacionada e em diferentes áreas do conhecimento. Por essa razão, as diversas propostas curriculares contemporâneas têm defendido que o texto seja visto como a unidade de ensino de Língua Portuguesa e os gêneros textuais e discursivos como seus principais objetos de ensino. Diante disso, ganha relevância o trabalho de análise, reflexão e sistematização sobre os conhecimentos linguísticos em diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico). Nesse sentido, a roda propiciará reflexões e discussões sobre as concepções de linguagem e o processo de variação linguística, as teorias de aquisição e aprendizagem de língua portuguesa e a relação entre os aspectos pragmático-discursivos, fonológicos, morfossintáticos e lexicogramaticais, nos processos de compreensão e produção de textos orais, escritos e visuais. Em se tratando da literatura, a partir da concepção de Antonio Candido, em sua obra *Literatura e Sociedade*, de que a literatura é um sistema vivo de obras agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a – o objetivo desta roda é também reunir textos que abordem temas como *Literatura e Ensino*, a fim de articular discussões pertinentes à literatura e ao ensino da literatura. A presente roda propiciará oportunidades para o diálogo, a troca de experiências, o aprofundamento da teoria e aperfeiçoamento da prática. As apresentações devem envolver teoria, análise e prática, articulando saberes em constante construção e oportunizando momentos de estudo, diálogos, trocas de experiências e de referenciais teóricos. As discussões devem criar possibilidades de graduandos, pós-graduandos e educadores refletirem sobre suas pesquisas e práticas com a língua e com a literatura, visando à construção de novos saberes, favorecendo suas pesquisas e ações.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Literatura, Ensino.

◆ RODA 12

LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: PROPOSTAS E
CONTRIBUIÇÕES

Virginia Maria NUSS(UNESPAR-Campo Mourão)

Patrícia IAGALLO (UNESPAR-Apucarana)

Juliana Carla Barbieri STEFFLER(UNESPAR-Apucarana)

Antonio Lemes GUERRA JUNIOR(UNESPAR-Apucarana)

A linguagem constitui um amplo e complexo objeto de pesquisa e ensino, e os estudos linguísticos têm contribuído de forma bastante produtiva para proporcionar métodos e meios de ensino ao realizar investigações linguísticas sob diferentes perspectivas, uma vez que a Linguística é um campo vasto, multidisciplinar e heterogêneo de conhecimento. Atualmente, (co)existem diferentes correntes teóricas de estudos linguísticos, como os estudos do Formalismo, do Funcionalismo, do Discurso, do Cognitivism, dos Letramentos, etc., as quais permitem novas propostas, conhecimentos e perspectivas para pesquisadores, professores e tantos outros profissionais que se utilizam da língua e linguagem, sobretudo para o ensino. A presente proposta consiste em apresentar discussões sobre como os estudos linguísticos contribuem para o ensino de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio, por meio da explanação de pesquisas/atividades realizadas e considerações acerca de algumas vertentes específicas utilizadas pelos proponentes em seus estudos. Dessa forma, intenta-se demonstrar que a compreensão dos fatos linguísticos da língua portuguesa permite uma melhor aplicabilidade de métodos de ensino referentes aos trabalhos possíveis para o ensino de gramática, literatura ou produção textual. A base teórica desta proposta consiste nos estudos linguísticos de Mussalin e Bentes (2000), Fiorin (2011), Martelotta (2012), Neves (2002) e Marcuschi (2008) para uma abordagem mais ampla do que seja “Linguística”, delineando-se, de acordo com as pesquisas dos proponentes, para teorias/teóricos mais específicos. O público-alvo desta proposta são professores e graduandos da área de Letras, assim como estudantes de outras licenciaturas e demais profissionais e professores que tenham interesse no tema em questão. Para além das explanações dos proponentes, esta roda de conversa abre espaço para outros trabalhos que abordem a temática em questão, visando agregar mais perspectivas teórico-metodológicas à discussão. Para participação com apresentação nesta roda de conversa, a proposta deve ser enviada para os e-mails dos proponentes e o aceite, ou não, será realizado de acordo com o limite de tempo e quantidade de participantes, assim como a pertinência da proposta em relação ao tema.

Palavras-chave: Linguística, Ensino, Língua Portuguesa.

◆ RODA 13

DIÁLOGOS FEMININOS E FEMINISTAS: O SUJEITO MULHER EM CENA

Ana Paula PERON (UNESPAR-Apucarana)

Bruna Plath FURTADO (UEM)

Na medida em que voltamos o olhar para os registros canônicos da história, permitimo-nos verificar como são predominantes os múltiplos apagamentos e silenciamentos do sujeito mulher, cujos resultados são ora os desaparecimentos completos das perspectivas femininas e de suas subjetividades, ora a essencialização desse sujeito que se reduz a conceitos homogêneos e homogeneizantes das mulheres – e que acarreta, mais uma vez, em desaparecimentos e censuras. Nesse sentido, compreendemos a importância da promoção, da valorização e da manutenção de espaços acadêmicos que, uma vez sustentados pelo poder institucional, possibilitam a saída deste modo outro de experiência histórico-discursiva, logo a das mulheres, dos bastidores para a cena principal. Assim, queremos trazer à baila a necessidade constante e sempre urgente de que sejam pensadas as mulheres e(m) suas atuações, subjetividades e silenciamentos, seja no campo das mídias, da política, das instituições em geral. Pensar o feminino e o(s) feminismos, trazer para a cena reflexiva o sujeito mulher: eis o fio condutor dos trabalhos que podem ser aqui reunidos. Dessa maneira, ensinamos, nesta roda de conversa, possibilitar o diálogo e o debate acadêmico entre trabalhos que tenham a mulher como temática central: mulheres cujos sentidos se materializam em vivências, em sentimentos, em violências, em objetificação, em estereótipos, em luta, em resistências, em prazeres, em instituições; mulheres nos cenários públicos e particulares; mulheres inseridas, enfim, nos mais diversos contextos de nosso cotidiano social. Para tanto, esperamos acolher contribuições sustentadas em diversas perspectivas de estudos, tais como: análise de discurso, teorias de gênero, teorias feministas, história das mulheres, ensino e aprendizagem, gêneros textuais/discursivos, entre outras que nos permitam colocar em destaque esse sujeito. Desse modo, este espaço encontra-se aberto para a colaboração de profissionais da educação, tanto do ensino básico quanto do ensino superior, bem como de pesquisadores engajados com a temática apresentada

Palavras-chave: Mulher, Sujeito, Discurso(s).

◆ RODA 14

PRÁTICAS DE LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO: ABORDAGENS E MÉTODOS

Thiago Henrique da Silva de SALES (SEED)

Patricia Josiane Tavares da CUNHA (UNESPAR-Apucarana)

A roda de conversa proposta tem por objetivo dialogar com trabalhos acadêmicos que visam discutir propostas de leitura de textos literários fundamentadas na ideia de que estes apresentam potencialidades imanentes, compreendidas como dimensões ensináveis. Entende-se a leitura do texto literário em sua dimensão social, como uma forma do leitor ressignificar e compreender o mundo, tendo no ambiente escolar um dos espaços para desenvolver o gosto pela leitura. Ao refletir sobre a atividade de leitura, assumimos que, no momento da leitura, o indivíduo realiza uma ação solitária, já que a leitura é feita entre indivíduo e texto. No entanto, quando se pensa nos sentidos atribuídos ao texto e no caráter dialógico do texto escrito, o repertório de interpretações e de significados do leitor se expande. Estimular o gosto pela leitura é papel essencial do professor de língua portuguesa. Isso se contrapõe ao estímulo do hábito da leitura, já que gostar de ler e estar habituado a ler não são equivalentes. Nesse sentido, pretendemos, por meio desta roda de conversa, discutir caminhos para professores e alunos da Educação Básica adquirirem o hábito e o prazer de praticar leituras literárias dentro e fora da esfera escolar. Percebemos que o gosto pelos textos literários é uma constante que se faz desde sempre, muito antes, inclusive, do período de escolarização. Portanto, compete a todos - sociedade em geral – fomentar espaços, políticas e formação para que práticas de leituras literárias façam parte do cotidiano de todos. Ao analisar as próprias práticas docentes realizadas em sala de aula e as experiências compartilhadas em cursos de formação continuada, nota-se que o trabalho com o texto literário ainda tem papel secundário nas aulas de língua portuguesa. Não raro, as atividades fazem uso do texto literário apenas como forma de ilustrar questões relacionadas à gramática ou à interpretação simples, que poderiam ser feitas com qualquer outro gênero textual. Isso posto, pretendemos, à partir de abordagens como o letramento literário, estabelecer categorias como macro e microdimensões de conteúdo e discutir propostas de aula de leitura literária partindo da leitura imanente para a identificação, e posterior reflexão, do caráter epistêmico do fenômeno literário. Concluímos que, ao considerarmos o texto como produtor de conhecimentos, concebemos os gêneros discursivos literários como unidades de ensino a serem exploradas em suas macro e microdimensões

Palavras-chave: Texto literário, Leitura, Práticas.

◆ RODA 15

FORMAÇÃO DOCENTE: RESISTÊNCIA EM CURSO?

Claudia Lopes PONTARA (UNESPAR-Apucarana)

Marileuza Ascencio MIQUELANTE (UNESPAR- Campo Mourão)

Vera Lúcia Lopes CRISTOVÃO (UEL)

Falar da formação docente significa compreender que ser professor(a) é muito mais do que ser “dadores” ou “vendedores” de aulas. Ser professor(a) implica uma complexidade e uma responsabilidade muito maior e, por consequência, uma valorização imensamente maior. Valorização essa que passa por várias questões, não somente, mas também salariais. Dentre elas, as ofertas de formação continuada e inicial. Como elas estão sendo constituídas? Com que propósitos? Quais as reais condições para que o(a) professor(a) participe de formações consistentes e oportunizadoras de transformações, desenvolvimentos? Como romper com as práticas (muitas vezes impositivas e acríicas) que, ano após ano, se repetem nos processos de formação continuada? Ou, por que romper? Partimos do entendimento de que a formação continuada/inicial que desejamos (crítica e transformadora) não nos será dada ou oportunizada em sua plenitude pelos sistemas educacionais, a não ser que nós, os(as) verdadeiros(as) interessados(as), passemos a reivindicá-la. Segundo Imbernón (2010), estamos instalados em uma longa pausa que se abriu no início dos anos 2000, a qual ele nomeia de crise institucional da formação. Contudo, diríamos ainda que, neste momento atual da história da educação paranaense, passamos do ponto daquela longa pausa. Pausa essa que vem sendo preenchida por uma política neoliberal, neoconservadora, alinhando-se ao que ocorre em nível nacional (MENDES; HORN; REZENDE, 2020). Fato que exige ousadia de todos nós – professores(as) da educação básica e do ensino superior, pesquisadores(as), educadores(as). Ousados(as) no sentido de contribuirmos com a criação/manutenção/retomada de espaços da/na formação inicial/continuada que visem à (re)ação do(a) professor(a) frente ao trabalho que exerce. Diante de todo esse cenário, esta Roda de Conversa se propõe a discutir a formação docente (inicial e/ou continuada) em uma perspectiva crítico-transformadora (PONTARA, 2021), destacando a relevância de abrir espaço para que diferentes vozes e perspectivas possam juntar-se às nossas com o intuito de nos fortalecermos frente às mudanças que têm sido impostas aos cursos de licenciaturas.

Palavras-chave: (Trans) formação docente, Reflexividade, (Re)ação

◆ RODA 16

EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E COTIDIANO ESCOLAR: AVANÇOS, DESAFIOS E
POSSIBILIDADES

Eromi Izabel HUMMEL(UNESPAR-Apucarana)
Eliane Paganini da SILVA(UNESPAR-Apucarana)
Vinícius Neves de Cabral (UNESPAR-Apucarana)

Convidamos pesquisadores, professores e estudantes para participarem da roda de conversa “Educação e Diversidade” com o objetivo de debater trabalhos que se debrucem sobre os avanços, desafios e possibilidades educacionais em suas intersecções com condições de classe, gênero, raça, orientação sexual, capacidade, nacionalidade, etnia, faixa etária, entre outras. Os objetivos propostos são: 1) discutir acerca da necessidade de espaços de reflexão sobre a diversidade no cotidiano escolar; 2) refletir sobre o papel dos variados agentes educacionais – professores, coordenadores, diretores e outros funcionários – no combate ao preconceito/bullying; 3) analisar o impacto social, histórico, cultural e educacional da diversidade a partir de uma perspectiva interseccional; 4) debater sobre desafios e perspectivas dos processos de inclusão no contexto educacional. As polêmicas discussões acerca da relação entre educação e diversidade ocupam cada vez mais espaço nos cenários político, legal, acadêmico, midiático e cultural. Nas políticas públicas, a diversidade tem sido pauta de reivindicações em prol da garantia de direitos básicos, proteção à vida e atenuação dos processos de exclusão de variados grupos sociais. O avanço dos debates envolvendo questões de diversidade nos séculos XX e XXI, possibilitados pela ação política dos grupos sociais de pressão, oportunizou tanto a ampliação do acesso aos processos de escolarização de grupos sócio-historicamente relegados às margens da sociedade quanto a manifestação aberta das variadas expressões identitárias de corpos e vidas que extrapolam lentes monofocais. Assim, para além dos desafios já enfrentados por professores nos processos de ensino e aprendizagem, no cotidiano escolar tornou-se obrigatório acomodar a multiplicidade das diversidades. Diante dos recentes ataques aos debates envolvendo questões de diversidade, que objetivam dismantlar os avanços socioculturais viabilizados por décadas de enfrentamento político, social e cultural, acreditamos ser urgente promover espaços de reflexão teórica e prática acerca da acomodação das diversidades no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Interseccionalidade, diversidade, inclusão

◆ RODA 17

AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS LICENCIATURAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Natália Moraes GÓES (UEL)
Deivid Alex dos SANTOS (UEL)

O contexto escolar e acadêmico exige cada vez mais que os estudantes apresentem atitudes mais autônomas sendo protagonistas da sua aprendizagem. As habilidades autorregulatórias podem auxiliar no desenvolvimento da agência humana do estudante, visto que o construto é compreendido como um controle consciente exercido pelos estudantes dos aspectos cognitivos, metacognitivos, afetivos, comportamentais e emocionais com a finalidade de atingir um objetivo educacional. Estudantes autorregulados estabelecem metas de curto e longo prazo, controlam o seu tempo e ambiente de estudo, utilizam estratégias de aprendizagem, revelam altas crenças de autoeficácia para aprender, demonstram melhor rendimento escolar/acadêmico e diante de situações de fracasso escolar apresentam comportamentos mais adaptativos. Todavia, as habilidades autorregulatórias não são desenvolvidas naturalmente, elas precisam ser ensinadas e o professor apresenta um papel primordial nesse processo. Para que os professores possam inserir ao longo de suas aulas o ensino e o incentivo ao uso das habilidades autorregulatórias, primeiramente é necessário que eles sejam estudantes autorregulados, sendo sensibilizados quanto à importância da aprendizagem autorregulada para que posteriormente ensinem aos seus alunos. Pesquisas nacionais e internacionais têm defendido a importância de os cursos de formação inicial e continuada de professores inserirem em seus programas o estudo da Teoria Social Cognitiva proposta por Albert Bandura, a qual oferece fundamentação teórica para a autorregulação da aprendizagem. Com o reconhecimento sobre a necessidade de ampliar o debate acerca da aprendizagem autorregulada, para que mais estudantes possam desenvolvê-la e beneficiar-se do construto, essa roda de conversa tem por objetivo discutir sobre a autorregulação da aprendizagem, os desafios de implantá-la em salas de aula da Educação Básica e em cursos de licenciatura, bem como refletir sobre as possíveis perspectivas futuras para a temática. O público-alvo da presente proposta são professores dos diferentes segmentos da escolarização e estudantes de licenciatura.

Palavras-chave: Aprendizagem autorregulada, Formação inicial e continuada de professores, Teoria Social Cognitiva.

◆ RODA 18

EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA, RESISTÊNCIAS E LUTAS SOCIAIS

Rodrigo Rosa da SILVA(UNESPAR-Apucarana)
Marcela de Oliveira NUNES (UNESPAR-Apucarana)

A Roda de Conversa “Educação Libertária, Resistências e Lutas Sociais” pretende ser um espaço de encontro, apresentação de experiências, práticas, análises e pesquisas no campo da educação aberto para o debate entre estudantes do ensino médio e superior, professoras/es da rede pública de educação básica e superior, assim como pesquisadoras/es ou outras pessoas interessadas em compartilhar experiência e debater propostas de educação numa perspectiva popular, autônoma e libertária a partir do olhar dos grupos subalternizados na sociedade contemporânea. Algumas das questões norteadoras da Roda de Conversa são: É possível uma outra educação? Como podemos realizar uma relação ensino-aprendizagem levando em consideração a perspectiva dos grupos historicamente excluídos e subalternizados? Quais práticas e teorias educativas foram e são realizadas por/pela/para a classe trabalhadora, as mulheres, a população negra, os povos indígenas, pessoas LGBTQIA+, os movimentos sociais rurais e urbanos, assim, como por tantos outros grupos excluídos e silenciados pela educação hegemônica escolar, estatal e empresarial? Como abordar e destacar a educação como forma de resistência desses sujeitos coletivos que se auto-organizam para existir e resistir à exploração e opressão a que são submetidos cotidianamente? Esperamos receber trabalhos de estudantes, pesquisadores/as e educadores/as que abordem aspectos históricos, sociológicos, pedagógicos e/ou políticos de práticas autônomas de educação como escolas autogeridas, anarquistas, quilombolas, indígenas, cursinhos livres/populares, práticas inovadoras formais e não-formais. A Roda de conversa receberá estudos e propostas referentes ao Brasil, América Latina e a outras partes do mundo, numa perspectiva internacional, abrangendo lutas e ações populares desde a segunda metade do século XIX até os dias de hoje. Pretendemos aglutinar propostas não-tradicionais de ensino, seja por optarem por uma abordagem libertária de ensino ou por proporem novas metodologias que rompam com o velho e tradicional modo educar, baseado na memorização e na reprodução de valores e comportamentos da classe dominante ou do Estado nacional. Desejamos que seja uma viva troca de experiências e afirmação de outras perspectivas de mundo, um espaço de resgate da memória de práticas educativas que criaram resistência aos regimes de exploração capitalista, estatal, patriarcal, racista, etnocida e genocida que marcaram e marcam ainda hoje nossa história.

Palavras-chave: História da Educação, Sociologia da Educação, Educação Alternativa, Raça, Classe e Gênero.

◆ RODA 19

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO: AMPLIANDO DEBATES

Gabriela da Silva SACCHELLI(UNESPAR-Apucarana)

Adriana SALVATERRA(UNESPAR-Apucarana)

Christina Aparecida dos SANTOS(UNESPAR-Apucarana)

Vanessa Alves BERTOLLETI (UNESPAR-Apucarana)

O propósito da presente Roda de Conversa consiste em discutir, dialogar e problematizar a História da Educação latino-americana, com ênfase na historiografia da Educação brasileira. A análise educacional permite sistematizar historicamente a interpretação da educação e requer considerá-la no contexto social, econômico, filosófico e afetivo nos quais se insere, o que implica conhecimento das relações que envolvem os mais diversos engendramentos tais como: as concepções educativas que permearam e/ou ainda permeiam a educação no decorrer do processo histórico, os intelectuais que atuaram no contexto educacional, as instituições escolares, seus atores e suas multiplicidades. Partindo do pressuposto de que toda e qualquer instituição não pode ser concebida no âmbito da neutralidade, pois atende às demandas sociais do contexto no qual está inserida, estas e outras dimensões do contexto educacional são imprescindíveis para a compreensão das relações que, na atualidade, se manifestam como expressão das necessidades históricas do momento no qual nos situamos. A justificativa para a proposição dessa Roda de Conversa corresponde à necessidade de pensar e repensar a Educação a partir de uma perspectiva histórica, seu sentido de identidade profissional e de pertencimento ao processo em que está em andamento e que, se constitui a partir da práxis escolar. O objetivo é promover o debate acerca da história e historiografia da educação tanto brasileira quanto latino-americana, trazendo a comunidade acadêmica e demais interessados para discutir uma ampla gama de questões de máxima relevância. Pretende-se, neste espaço, socializar aspectos históricos da educação em relação a instituições escolares, intelectuais, métodos, períodos e processos, com o objetivo específico de socializar o conhecimento por meio de apresentações orais, valorizar os estudos em história da educação e discutir as diversas fontes no processo de pesquisa. O público-alvo será professores e professoras da Educação Básica e Superior bem como, graduandos e pós-graduandos em licenciaturas e demais interessados pela temática. Considera-se que a análise das preocupações formativas de cada período histórico pode mostrar o processo do vir e ser em sua dinâmica e, assim, trazer à luz informações que favoreçam o pensar a educação na atualidade.

Palavras-chave: História da Educação, Historiografia da Educação, Intelectuais da Educação, Instituições Escolares.

◆ RODA 20

EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Fabíola ZAPPIELO (UNESPAR-Apucarana)

Karianny Gerotto DEL MOURO (UFPR-Palotina)

Ao observar o processo histórico da educação brasileira, é evidente que há contradições no que se refere ao acesso à aprendizagem efetiva de todos os estudantes matriculados nas escolas regulares e no ensino superior. Documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores para a Educação Básica (BRASIL, 2015) que estabelecem a formação docente para o trabalho na perspectiva da educação inclusiva, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) que, em sua introdução, alerta para a necessidade da educação das pessoas com deficiência, além da Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 2020) que, ao longo do documento, nos orienta como a educação deve seguir em direção à uma educação cada vez mais inclusiva. A educação inclusiva é concebida como uma ação política, social, cultural e pedagógica é, portanto, direito de todos sem que aconteça a discriminação. Com isso, na modalidade da educação especial que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, terão destaque nesta roda de conversa discussões que tragam a reflexão sobre o atendimento educacional especializado do estudante incluso na rede básica de ensino e no ensino superior. Portanto, esta roda de conversa tem o propósito de reunir comunicações que discutam pela perspectiva da educação inclusiva, a educação especial, abrangendo as deficiências de um modo geral, os transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, dando destaque para o “como” atender aos estudantes da educação especial na rede regular de ensino e ensino superior. Espera-se que a roda de conversa proposta contribua trazendo reflexões sobre a mediação do trabalho docente por meio de debates e sugestões de intervenção pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes público alvo da educação especial, reforçando a necessidade de uma educação na perspectiva da inclusão para os estudantes que estejam matriculados na rede regular de ensino e no ensino superior, a fim de valorizar tanto as diferenças quanto as singularidades desses estudantes

Palavras-chave: Educação especial, Educação inclusiva, Educação básica, Ensino superior.